

Distanciamento médico afeta doente, revela estudo

Nos hospitais, são omitidas informações básicas, como o diagnóstico e o nome dos medicamentos receitados

LÍGIA FORMENTI

Uma pesquisa feita pela Faculdade de Saúde Pública de São Paulo constatou que pacientes internados em hospitais públicos sabem pouco sobre seu estado de saúde. Informações básicas, como o diagnóstico ou o nome do médico responsável pelo tratamento, são desconhecidas pela maioria dos doentes. De acordo com o estudo, a situação é provocada não pela falta de interesse do paciente, mas pelo distanciamento da equipe médica.

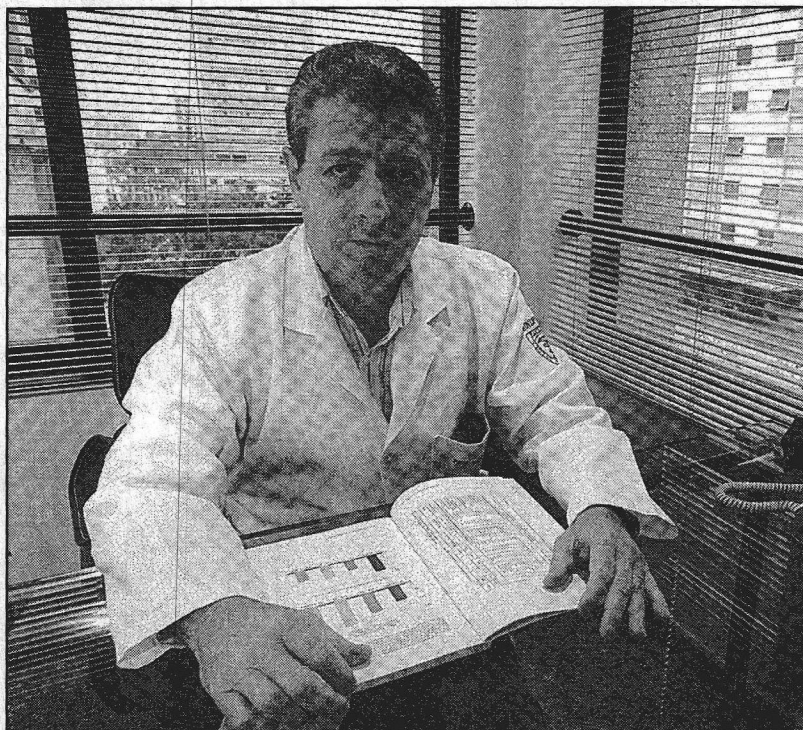
Coordenado pelo professor Paulo Antônio de Carvalho Fortes, o levantamento baseou-se em longas entrevistas feitas com 40 pacientes idosos que estavam há pelo menos uma semana em enfermarias de um hospital em São Paulo. Foram excluídas apenas as pessoas doentes de câncer. "Levamos em conta somente doenças que não despertam polêmica sobre se devem ou não ser informadas ao doente", explicou Fortes.

Os números impressionam. Dos entrevistados, 65% disseram que gostariam de ser informados sobre a sua doença. Pouquíssimos deles, porém, já haviam exposto esse desejo à equipe médica. Isso ocorre, segundo 57% dos entrevistados, porque eles têm medo de se expor.

A desinformação é tamanha que 35% dos pacientes não sabiam sequer o motivo da internação.

Fortes acredita que o distanciamento é provocado por vários fatores. Um dos principais seria a forma de atendimento, realizado por um grande número de profissionais. "A responsabilidade pelo paciente ficou diluída", disse. "Raros profissionais querem se envolver com ele."

Os pacientes sentem-se constrangidos com a série de profissionais que passam diante dele. "Não



Sérgio Castro/AE

Antônio Carlos Lopes: "Quem está no hospital precisa de carinho"

é raro ficarem com a identidade abalada depois que chegam ao hospital", comentou o pesquisador.

O problema torna-se mais agudo no caso dos idosos. "Vemos com frequências essas pessoas assumirem um papel infantil, transferindo todas as atividades e responsabilidade para as mãos da equipe", acrescentou.

Linguagem difícil – A atitude dos médicos e profissionais de saúde, que insistem falar com o paciente numa linguagem ininteligível para ele também contribui para aumentar o distanciamento. "Ao ouvir a primeira informação técnica, muitos se retraem e desistem de pedir mais informações."

Dos pacientes ouvidos, 75% não sabiam dizer qual era a medicação receitada; e 47% não conheciam sequer o nome do médico responsável por eles. Uma pesquisa semelhante feita em hospital particular e prestes a ser concluída demonstra que a situação não é muito diferente. O distanciamento ocorre também na medicina privada.

Para o presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica, Antônio Carlos Lopes, a origem do problema está na formação profissional. "Não há mais a experiência clínica", disse. "Hoje tudo é realizado a partir de informações obtidas na literatura médica."

Lopes lembrou também que muitos professores estão distantes da prática. "São os profissionais do dia seguinte, que chegam quando tudo já está feito."

Orientação – Na opinião de Lopes, tornou-se essencial modificar a formação dos alunos. Eles precisariam ser melhor orientados sobre o contato com o paciente, aprendendo a ouvir e a perguntar sem pressa. "Quem está no hospital necessita de atenção, carinho, e de um profissional que tenha toda a disposição para explicar, em linguagem acessível, o que ele precisa saber."

A informação transmitida ao paciente, segundo Fortes, é essencial para que ele possa ser bem atendido no futuro. "Informações simples, sobre a existência de uma doença ou o uso de determinados medicamentos, permitirão que outros profissionais, no futuro, façam o diagnóstico de maneira mais rápida e eficiente", disse.

LINGUAGEM
USADA PELOS
PROFISSIONAIS
ASSUSTA